

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO UNIVERSO PREDOMINANTEMENTE MASCULINO

Camila Gonçalves Guimarães¹

RESUMO

Este trabalho tem, como objetivo, discutir a inserção e a participação das mulheres nas áreas de Ciências e Tecnologia, tendo em vista que historicamente essa é uma área de reduto masculino. Atualmente, as mulheres têm adentrado áreas de atuação até há pouco tempo restritas aos homens, porém ainda enfrentam diversos desafios para se inserirem e ascenderem profissionalmente. Estereótipos, sexismo e marcadores de gênero ainda determinam que a Ciência ainda hoje é um lugar privilegiado dos homens. Nesse sentido, é abordado o conceito de divisão sexual do trabalho, tendo, como base teórica, “os princípios norteadores da divisão sexual do trabalho”, propostos por Hirata e Kérgoat (2007), nos quais existem trabalhos destinados às mulheres aos homens, e que o trabalho do homem tem um valor social e econômico maior do que o da mulher. Diante dessa realidade, discutem-se os fenômenos do labirinto de cristal, do teto de vidro e “inclusão subalterna” (LIMA, 2013), conceitos utilizados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres para se inserirem e ascenderem em determinadas áreas segmentadas pelo sexismo e por estereótipos de gênero. Estudar a inserção, a atuação e a ascensão das mulheres nas Ciências e na Tecnologia implica questionar a cultura hegemônica, fundada nos valores masculinos, que exclui a participação das mulheres. As ciências não são neutras, uma vez que são baseadas no olhar do homem, que é o único parâmetro para legitimar o conhecimento.

Palavras-chave: Mulheres; Divisão Sexual do Trabalho; Ciências e Tecnologia.

¹ Doutoranda do Programa de Estudos em Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), camila@cefetmg.br

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é refletir sobre a participação das mulheres nas Ciências e na Tecnologia, compreendendo que esse campo se caracteriza principalmente pela presença majoritariamente masculina. A presença das mulheres nas Ciências e na Tecnologia tem aumentado significativamente nos últimos anos, e cada vez mais mulheres estão buscando essa área de formação para ingressar no mercado de trabalho. A Ciência e a Tecnologia têm oferecido às mulheres a oportunidade de adquirir habilidades específicas em áreas como tecnologia da informação, engenharias, entre outras, permitindo que elas sejam competitivas em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, no entanto os desafios a serem superados em relação à igualdade de gênero ainda são muitos.

Em muitos países, como no Brasil, ainda há muito estereótipo de que certas áreas de formação, como Engenharia e Tecnologia, são mais adequadas para homens, o que desencoraja muitas mulheres a buscar essas áreas. Nesse sentido, é abordado o conceito de divisão sexual do trabalho, tendo, como base teórica, “os princípios norteadores da divisão sexual do trabalho” proposta por Hirata e Kér goat (2007), nos quais existem trabalhos destinados às mulheres aos homens, e que o trabalho do homem tem um valor social e econômico maior do que o da mulher.

Apesar dos grandes avanços femininos no mundo acadêmico e do trabalho, sua inserção e ascensão nas áreas onde a presença masculina é predominante ainda enfrentam muitos obstáculos tanto para inserirem, quanto para atuarem em determinadas áreas do conhecimento e do trabalho (Lima, 2013).

Diante dessa realidade, este estudo busca discutir os conceitos de “segregação horizontal” (Lima, 2013), o fenômeno do “labirinto de cristal” e a “inserção subalterna” (Olinto, 2009), derivados da divisão entre os sexos, utilizados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres para se inserirem em determinadas áreas de conhecimento e de trabalho, segmentadas pelo sexismo e por estereótipos de gênero, hegemonicamente masculinas.

Historicamente as mulheres são incentivadas pelas famílias e pela sociedade a optarem por áreas de formação e de atuação profissional relacionada ao cuidado, como uma extensão do trabalho doméstico, que lhes é imposto desde o nascimento. Marcadores de gêneros estão presentes nessas escolhas acadêmicas e profissionais das mulheres, sobretudo nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e da Saúde. Já os homens são estimulados, desde a infância, a buscarem sua formação e a condicionarem suas carreiras para as áreas consideradas duras: Ciências

Exatas, Tecnológicas e Engenharias, segundo evidenciam os dados do Censo do Ensino Superior (Inep, 2016).

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Desde muito tempo, já havia uma divisão sexual de trabalho, pois, em certas sociedades, as mulheres faziam cerâmicas, e os homens pescavam; em outras, ocorria o contrário; em algumas ainda, as tarefas destinadas a cada sexo eram bem definidas e rígidas. Em algumas sociedades, o homem preferia morrer caçando a fazer o próprio alimento ou fazer as atividades destinadas às mulheres. Essa divisão teve origem pelo fato de as mulheres ficarem grávidas e terem que cuidar, alimentar e proteger os filhos, estendendo assim esses cuidados a todo o grupo (Muraro, 2002).

Assim, foi-se construindo o lócus de trabalho das mulheres, ou seja, os afazeres domésticos, num silêncio que perdurou um longo tempo. O termo *divisão sexual do trabalho* surge com o objetivo de repensar o trabalho, baseado na ideia de que o trabalho doméstico deveria ser encarado como realmente ele é, um trabalho profissional, e não utilizar esse conceito apenas para mostrar as desigualdades entre os sexos, conforme se pode perceber em algumas abordagens, tais como Hirata e Kérigoat (2007, p. 596):

O projeto coletivo que serviu de base na França às primeiras aparições do termo “divisão sexual do trabalho” tinha uma ambição maior que denunciar desigualdades: sob o impulso do movimento feminista, tratava-se nem mais nem menos de repensar o “trabalho”. O ponto de ancoragem dessa ambição era a ideia de que o trabalho doméstico era um “trabalho” e que, portanto, a definição deste deveria obrigatoriamente incluir aquele. (Hirata; Kérigoat, 2007).

Dessa forma, o termo *divisão sexual do trabalho* surge não apenas para mostrar as desigualdades entre os sexos no mundo do trabalho, mas para repensar essa categoria de análise englobando também o trabalho doméstico. Embora invisível e não remunerado, o trabalho reprodutivo exercido pelas mulheres no ambiente doméstico produz valor de uso e traz, em seu bojo, o mesmo princípio de opressão e de exploração de um sujeito pelo outro, exatamente como no trabalho remunerado. Tal conceito permite considerar simultaneamente na análise sobre a divisão do trabalho e as relações sociais na esfera doméstica e na esfera pública (Hirata; Kérigoat, 2007, p. 596).

Nessa perspectiva, de acordo com Hirata e Kérigoat (2007, p. 599), a divisão sexual do trabalho demonstra:

a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos, mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens da função de maior valor social adicionado (políticos, religiosos e militares, etc.). (Hirata; Kérgoat, 2007).

Kérgoat e Hirata (2007) assinalam que a divisão sexual do trabalho se baseia em dois princípios centrais e organizadores:

- i. o princípio da separação;
- ii. o princípio hierárquico, sendo que tais princípios são evidenciados em todas as sociedades conhecidas até hoje e em qualquer momento histórico.

O princípio da separação define que existem trabalhos que são específicos para os homens, e outros que são exclusivos para as mulheres, em uma clara associação das atividades separadas de acordo com as competências consideradas naturais inerentes às constituições biológicas de ambos (Kérgoat; Hirata, 2007).

A imposição da separação de trabalhos segundo o sexo biológico cria clivagens sociais e delega às mulheres o trabalho doméstico, invisível e sem valor econômico e social. E, mesmo quando se trata do mercado de trabalho assalariado, a elas são delegadas áreas e funções ditas femininas, as quais são um prolongamento do trabalho doméstico, como funções mais precarizadas, desqualificadas, repetitivas e desvalorizadas.

O segundo princípio, denominado princípio da hierarquia, complementa o primeiro, transformando as relações sociais estabelecidas entre os sexos, na divisão social do trabalho, em relações de poder. Postula que o trabalho do homem tem mais valor agregado do que o trabalho da mulher, independentemente de onde for realizado. Dados do IBGE (2018) constatam tal assertiva, uma vez que, no Brasil, as mulheres ainda recebem 75% dos salários dos homens nas mesmas funções. Também Yannoulas (2013), ao analisar a feminilização das profissões e ocupações, constata que áreas antes masculinizadas que se transformam em áreas mais feminilizadas, devido à massiva entrada de mulheres, tornaram-se menos valorizadas.

Alves (2013, p. 273-281) enfatiza que esses dois princípios têm, como fundamentação e legitimação, a ideologia naturalista que rebaixa o gênero a uma análise puramente biológica, descaracterizando a natureza desigual e hierárquica

da separação entre trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, porém tal concepção que permeia uma análise biológica se desfaz no entendimento da construção social material baseado no materialismo, como cita Kér goat (1996).

RELAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO

De acordo com os princípios organizadores da divisão sexual do trabalho apresentados por Kér goat e Hirata (2007), existem trabalhos exclusivamente realizados por homens e trabalhos destinados às mulheres, sendo o trabalho masculino mais valorizado do que o feminino. Independentemente da organização cultural das sociedades, a diferença entre masculino e feminino sempre foi hierarquizada, ou seja, nas sociedades patriarcais, as mulheres sempre foram menos valorizadas que os homens, seja no espaço doméstico, seja no mercado de trabalho e na esfera acadêmica, científica e tecnológica (Olinto, 2011).

Segundo Rosa e Quirino (2017, p. 44), especificamente no sistema de Ciências e Tecnologia C&T, as relações de gênero expressam-se de forma bastante significativa, uma vez que as taxas de participação dos homens nas áreas de ciências exatas e engenharias são superiores a 80%, sendo que as mulheres se concentram predominantemente nas áreas humanas.

A história da participação das mulheres no campo científico é compreendida e interpretada à luz de uma narrativa feita por e para os homens, o que encobre e negligencia a participação das mulheres. Ao longo dos séculos, as mulheres foram consideradas frágeis, delicadas e incapazes do trabalho público. Seu papel era cuidar da família e, devido à sua suposta fraqueza, destinadas quase que exclusivamente ao âmbito privado da casa e à tarefa da maternidade. Em contraposição, aos homens eram atribuídas as qualidades de forte, racional e superior, as quais lhes garantiam o direito à educação formal, a ocupar os postos de trabalho e tomar decisões nos mais diversos espaços de poder, na esfera pública ou privada (Alves, 2013).

As mulheres burguesas eram moldadas para serem boas esposas, excelentes donas de casas. Já para as mulheres menos abastadas, cabiam os trabalhos que estão relacionados com o cuidado e os afazeres domésticos. Alves (2013) assinala que “para as mulheres da classe trabalhadora, esse modelo é manipulado por uma representação simbólica de esposa e dona de casa, uma vez que o trabalho remunerado é essencial para ajudar na sobrevivência da família.” (Alves, 2013, p. 283).

As mulheres eram pouco incentivadas a ingressar na educação formal e, quando se aventuravam a estudar, as áreas escolhidas estavam relacionadas às

humanidades e às atividades consideradas exclusivamente femininas, poucas eram as que realizavam formação técnico-profissional. Para elas, eram destinadas as profissões com ligação direta ao cuidado, associadas às características de leveza, paciência, delicadeza, afetividade, fraqueza física, e outras, o Magistério era a área mais procurada. Ao contrário, aos homens eram destinadas as áreas mais qualificadas, tais como aquelas que necessitam força física, raciocínio ágil, agressividade, competitividade, características necessárias ao mundo da Ciência e Tecnologia (Rosa; Quirino, 2017, p. 47).

Olinto (2011, p. 68) ressalta que, após anos de lutas travadas pelos movimentos feministas, as mulheres obtiveram diversas conquistas no âmbito da educação e do trabalho, bem como uma ascensão no mundo da Ciência e Tecnologia, principalmente a partir do século XX, todavia a maior divisão social que existem nessas áreas ainda é a divisão sexual. Não obstante as mudanças sociais auferidas, a mulher ainda possui pouca representatividade e visibilidade no mundo científico.

Segundo Lima (2013, p. 884), “os obstáculos que impedem e dificultam a maior participação da mulher no campo científico, apesar de concretos, não são formais” e se apresentam de duas formas:

[...] a) exclusão vertical, que se refere à sub-representação das mulheres em postos de prestígio e poder, mesmo nas carreiras consideradas femininas; e b) horizontal, que se refere ao pouco número de mulheres em determinadas áreas do conhecimento, em geral, de maior reconhecimento para a economia capitalista, as consideradas ciências “duras” – exatas e engenharias (grifo nosso). (Lima, 2013, p. 884).

Assim, a exclusão das mulheres nas ciências se apresenta de duas formas: a horizontal ou territorial, que se refere à separação das áreas de conhecimento ditas como femininas ou masculinas, e a vertical ou hierárquica, também denominada como “Teto de Vidro”, que diz respeito à pouca ou não participação das mulheres nos cargos mais elevados da carreira científica.

Nesse sentido, por meio da segregação horizontal, mulheres são conduzidas a optarem por caminhos diferentes daqueles previamente escolhidos ou seguidos pelos homens, concentrando o número maior de mulheres em áreas de menor prestígio. Debruçadas na retórica de Olinto (2011, p. 69), a segregação horizontal confirma que tais escolhas estão diretamente ligadas à influência familiar e da escola. As meninas geralmente escolhem as áreas nas quais se consideram mais aptas, tendem a avaliar para o exercício de determinadas atividades e a designar para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levadas a considerar como mais adequadas para elas, pois, “a segregação

horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero”, isto é, a sociedade impõe a essas mulheres profissões tidas como femininas, que possuem menor valor social e econômico no mercado de trabalho (Olinto, 2011, p. 69).

Lima (2013, p. 885) destaca que os dois tipos de exclusão estão interligados e, por mais que as mulheres conquistem espaços no meio científico, poucas são as que se destacam e se tornam reconhecidas. No campo das Ciências e da Tecnologia, a segregação vertical e horizontal combina-se, mantendo assim a permanente exclusão das mulheres nessa área.

Tanto Olinto (2011), quanto Lima (2013) utilizam o termo *teto de vidro* como metáfora para descrever a segregação vertical sofrida pelas mulheres e os processos que dificultam, no trabalho, sua ascensão profissional, ou seja, uma barreira invisível e sutil que elas enfrentam para se manterem competitivas em um mercado globalizado. A esse respeito, Lima aponta que:

O teto de vidro tem sido utilizado como metáfora para representar o obstáculo invisível, porém concreto, que impede as mulheres de chegarem a determinadas posições de prestígio nas profissões. Esse conceito contribui para o entendimento de duas importantes questões: 1) a transparência de vidro, que se refere à ausência de barreiras formais/legais que impeçam a participação de mulheres em cargos e posições de poder, ou seja, as dificuldades das mulheres não pode ser medidas somente pela ausência de dispositivos legais contra a sua atuação profissional; e 2) a posição do teto, que representa que há um entrave para ascensão das mulheres, dessa forma, é possível que elas transitem pelas posições dispostas na carreira até um determinado ponto: o topo de uma determinada profissão. (Lima, 2013, p. 885).

Para a mesma autora, esse conceito explica as dificuldades das mulheres em atingir, em algumas carreiras, posições de destaque e a exclusão delas em determinadas ocupações nas ciências e tecnologias. O mercado de trabalho e renda sempre foi marcado por fatores significantes de dissemelhanças persistentes de gênero, no entanto a metáfora do teto pode transmitir a impressão de que essa é a única dificuldade enfrentada pelas mulheres na vida profissional, porém a barreira não está presente somente no momento de atingir o topo da carreira, mas, sim, durante todo o percurso, inclusive para se definir a profissão (Lima, 2013, p. 885).

Dessa forma, Lima (2013, p. 886) apresenta o conceito de *labirinto de cristal* para explicitar a segregação horizontal sofrida pelas mulheres durante todo seu percurso acadêmico e os obstáculos enfrentados na escolha da sua área de

atuação, em que pese sua condição feminina. O termo demonstra a exclusão e a discriminação feminina em determinadas áreas do conhecimento e de atuação devido ao gênero.

Assim, de acordo com Lima (2013, p. 886):

O labirinto tanto simboliza os diversos obstáculos dispostos na trajetória científica feminina quanto apresenta suas variáveis consequências, tais como: desistência de uma determinada carreira, sua lenta ascensão e estagnação em um dado patamar profissional. Por causa dos diversos desafios e armadilhas dispostos no labirinto, os talentos femininos são perdidos ou pouco aproveitados. Assim, as contribuições presentes na metáfora do labirinto são: a) o entendimento de que os obstáculos estão presentes ao longo da trajetória profissional feminina, e não somente em um determinado patamar; b) a compreensão de que a inclusão subalterna das mulheres nas ciências e sub-representação feminina nas posições de prestígio no campo científico são consequências condicionadas por múltiplos fatores; c) a concepção de que as barreiras e armadilhas do labirinto não estão somente associadas à ascensão na carreira, mas também ao ritmo do ganho de reconhecimento de atuação das cientistas e à sua permanência ou não em uma determinada área. (Lima, 2013).

Dessa forma, evidencia-se que as barreiras para as mulheres em determinadas áreas, como as de Ciência e de Tecnologia, manifestam-se de diversas formas, porém aparentemente invisíveis como um vidro ou um cristal, mas concretas, podendo parecer despercebidas e irreais. Segundo Lima (2013, p. 886), muitos obstáculos são encontrados por elas, pelo simples fato de serem mulheres; são obstáculos que se apresentam ao longo de sua trajetória acadêmica, e mesmo antes, na escolha da área de atuação. Apesar de sua concretude, os obstáculos do labirinto de cristal são transparentes e podem passar despercebidos, já que seus valores estão embutidos na construção da massa cultural.

Por mais que as mulheres estejam presentes em algumas áreas da Ciência e Tecnologia, sua participação é muito inferior à do homem, e raras são as que alcançam os cargos com maiores prestígios. Assim Lima (2011) denomina esse fenômeno como sendo uma “inclusão subalterna”.

Os obstáculos para que as mulheres alcancem uma posição de prestígio são múltiplos e aparecem em diversos momentos da carreira, assim o Labirinto de Cristal representa essa trajetória lenta e tortuosa para que elas alcem posições elevadas na carreira, chegando, às vezes, à desistência. O casamento, as relações amorosas e a maternidade, a partir da divisão sexual do trabalho, são apontados pela autora como um dos principais entraves para a ascensão profissional

das mulheres “as relações afetivo-amorosas, segundo a óptica da feminização do amor, podem representar obstáculos à ascensão na carreira científica das mulheres.” (Lima, 2011, p. 10).

Por mais que as mulheres tenham conquistado, ainda que de forma linear, os espaços públicos, o mesmo não aconteceu com os homens que adentram à esfera privada, devendo as mulheres acumular os trabalhos profissionais e os reprodutivos, o que constituiu uma carga adicional na trajetória feminina. Dessa forma, a divisão sexual do trabalho configura-se como um obstáculo na trajetória da mulher cientista (Lima, 2011).

A CIÊNCIA É MASCULINA E BRANCA

Estudar a inserção, a atuação e a ascensão das mulheres nas Ciências e Tecnologia implica em questionar a cultura hegemônica, cultura essa fundada nos valores masculinos, que excluem a participação das mulheres. As ciências não são neutras, uma vez que são baseadas no olhar do homem, que é o único parâmetro para legitimar o conhecimento. A cultura androcêntrica tem impossibilitado a participação efetiva das mulheres nesse campo do conhecimento. “Um saber androcêntrico aponta para a produção de conhecimentos científicos marcadamente sexistas e heteronormativos.” (Lima, p. 20, 2008). Isso fica evidente pela baixa participação das mulheres nas ciências e pelo número ainda mais reduzido em cargos de maiores prestígio, bem como pela invisibilidade das mulheres cientistas ao longo da história.

A ciência sempre foi lócus masculino; o feminino, sendo o oposto, não teve espaço nas ciências. As ciências, uma vez que marginalizam a participação das mulheres, resultam em saberes científicos sexistas. As ciências, para serem consideradas legítimas, têm, como base, o conhecimento masculino; a produção do conhecimento é vista como algo “descorporificado”, tendo prioridade ao restante das partes. Essa separação do corpo e da mente está intimamente ligada às representações sociais nas quais ao feminino cabe o corpo; e, ao masculino, a parte mais importante: a mente. Dessa forma, as ciências acabam por renegar o corpo e o feminino (Lima, 2008).

Dessa premissa, o conhecimento é realizado a partir de valores regulados na objetividade, na neutralidade e na universalidade. Esses valores estão embutidos como características exclusivas ao homem branco, pautado no patriarcado e no capitalismo. A

ciência pautada na objetividade exclui a subjetividade novamente estruturada na forma do gênero em que a subjetividade é atribuída ao feminino; e a

objetividade, ao masculino. Assim, as características necessárias para produzir ciências são associadas ao masculino, pensando que as mulheres não possuem biologicamente tais atributos (Limas, 2008).

Os predicados atribuídos ao ser cientista estão muito afastados do ser feminino, esse associado ao corpo e à subjetividade; características distantes das necessárias para se produzir ciências, onde está presente a objetividade masculina. Dessa forma, a ciência moderna reflete a própria estrutura de gênero, onde o feminino é inferiorizado.

As ciências são legitimadas a partir de conceitos de um sistema androcêntrico, que valorizam as características masculinas e limitam a participação feminina.

A ciência dita universal é uma ciência branca, masculina, elitista, ocidental, colonial, ainda que sua forma de apresentar-se tente mascarar suas características invocando um sujeito universal, isto é, que representa a todas as posições. O molde para atuar em ciências é pré-determinado e coercitivo. É uma ciência feita por pouco(a)s e para pouco(a)s. (LIMA, 2008, p. 25).

Não apenas a ciência é feita por poucos e esses poucos são os homens brancos, mas o conhecimento científico produzido assume um caráter sexista. Assim, em relação a raça, gênero e outras questões, as ciências não são neutras. As próprias instituições onde o conhecimento é produzido refletem a desigualdade de gênero. O conhecimento produzido pelos homens, tido como universal, possui um caráter sexista e androcêntrico, uma vez que possui um olhar exclusivamente masculino, sendo esse utilizado para justificar as desigualdades de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que, nas Ciências e na Tecnologia, os valores masculinos são os que possuem valor e prestígio, sendo que os femininos são excluídos. O “ser mulher”, não sendo valorizado, entra permanentemente em conflito com o discurso científico androcêntrico. As mulheres são educadas e construídas socialmente a partir dos discursos da feminilidade, em que papéis foram estabelecidos historicamente determinando como devemos ser e agir, o que entra em constante conflito com os valores e as práticas aceitáveis pela cultura da ciência (Limas, 2008).

Ser mulher no mundo patriarcal, pautado nos valores masculinos, por si só, já é violento demais. Nas ciências, isso assume uma maior conotação, uma vez que são institucionalizadas e constituídas pelos valores masculinos. Durante séculos, foi renegada à mulher o direito de participar das ciências através de processos de

exclusão, e as que se aventuram sofreram, ao longo do tempo, com a invisibilidade das histórias.

O sistema de gênero é um sistema extremamente violento que produz e reproduz uma série de violências contra as mulheres, perpetuando valores morais utilizados para manter os privilégios dos homens. São diversas as formas de violência de gênero que as mulheres enfrentam tanto para crescer nas carreiras científicas, como para permanecer nesse meio, uma vez que o feminino é sempre subjulgado, já que as ciências e a tecnologia são compreendidas como um local de exclusividade masculina.

As barreiras, mesmo invisíveis e não formais, existem e estão estruturadas nesse modelo de sociedade. Como abordado anteriormente, o “teto-de-vidro”, “labirinto de cristal” e a “inclusão subalterna” são resultados de uma série de violências a que as mulheres são submetidas cotidianamente, porém, com muita luta e resistência, elas têm conseguido alcançar lugares de maior prestígio nas suas carreiras e romper com essas barreiras impostas pelo gênero.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. E. S. Divisão Sexual do Trabalho: A separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 271-289, maio/ago. 2013.

GUIMARÃES, S. M. **Divisão sexual do trabalho no meio rural e as contribuições da marchadas margaridas para mulheres do município de Porteirinha-MG**. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2016.

HIRATA, H.; KÉRGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, [s. l.], v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Séries Estatísticas & Séries Históricas. **IBGE**, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INSTITUTO NACIONAL de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira (Inep), 2016. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 18 set. 2021.

KÉRGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. *In*: LOPES, Marta J. M.; MEYER, Dagmar E.; WALDOW, Vera R. (org.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (p. 19-27).

LIMA, Betina S. **Teto de vidro ou labirinto de cristal?** As margens femininas das ciências. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Brasília, 2008.

LIMA, Betina Stefanello. “Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica”. **Revista Gênero**, [s. l.], v. 12, n. 1, jul./dez. 2011.

LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, set./dez. 2013.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira. **Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica: as escolhas das alunas dos cursos técnicos do CEFET-MG**. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, CEFET-MG, Belo Horizonte, 2016.

MURARO, R. M., 1932. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8. ed. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 2002.

NOGUEIRA, C. M. **O Trabalho Duplicado**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLINTO, G. Human resources in Science and technology indicators: longitudinal evidence from Brazil. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SCIENTOMETRICS AND INFORMETRICS, 12., 2009, Rio de Janeiro, RJ. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, RJ: ISSI, 2009.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

QUIRINO, R. **Mineração também é lugar de mulher!** Desvendando a (nova?!) divisão sexual do trabalho na mineração. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

ROSA, M. A. Gonçalves; QUIRINO, R.G. Relações de Gênero na Ciência e Tecnologia (C&T): estudo de caso de um Centro Federal de Educação Tecnológica. **Diversidade e Educação**, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 42-55, jan./dez. 2017.

YANNOULAS, S. C. (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013.